A EXPRESSÃO ARTÍSTICA COMO CAMINHO PARA ESCRITA COLETIVA: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DO 2º ANO NA 1ª FLAB[1]

MARIA DIOMARA DA SILVA[2]
https://orcid.org/0009-0001-4363-8843
mariadiomara@ahoo.com.br

RESUMO
Inspirados na leitura do livro *Obax*, através da sensível narrativa que se inicia nas paisagens da savana africana, os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, realizaram uma pintura que traduz a beleza e a imaginação despertadas pela história do autor André Neves. As crianças criaram coletivamente um texto apresentando a história e convidando a comunidade escolar para visitar as pinturas feitas por elas, que seriam expostas na 1ª Feira Literária da Escola Municipal Áurea Bicalho. Portanto, este relato tem como objetivo apresentar o processo e o desdobramento deste trabalho interdisciplinar, evidenciando os vínculos entre literatura, arte e formação leitora. Assim, os alunos foram levados a refletir sobre a linguagem enquanto a produziam, o que contribuiu para o desenvolvimento da metalinguagem. Durante este processo, o ambiente de aprendizagem se tornou mais dinâmico, permitindo que os alunos ampliassem sua compreensão sobre o funcionamento da língua e a sua capacidade de expressar ideias com mais clareza e coerência.

Palavras-chave: escrita coletiva, literatura, formação leitora, interdisciplinaridade, educação antirracista.

ABSTRACT
Inspired by the reading of the book Obax, through the sensitive narrative that begins in the landscapes of the African savannah, the students of the 2nd year of elementary school, made a painting that translates the beauty and imagination aroused by the story of the author André Neves. The children collectively created a text presenting the story and inviting the school community to visit the paintings made by them, which would be exhibited at the 1st Literary Fair of the Áurea Bicalho Municipal School. Therefore, this report aims to present the process and unfolding of this interdisciplinary work, highlighting the links between literature, art and reading training. Thus, students were led to reflect on the language while producing it, which contributed to the development of metalanguage. During this process, the learning environment became more dynamic, allowing students to broaden their understanding of how language works and their ability to express ideas with greater clarity and coherence.
Keywords: *collective writing, literature, reading training, interdisciplinarity anti-racist education*.

1. APRESENTAÇÃO

A formação de alunos que amam a leitura começa quando eles têm acesso a boas obras e se encantam com as narrativas que lhes são apresentadas. Em todas as minhas aulas, leio para os meus alunos um livro de literatura infantil, sem a

[1] FEIRA LITERÁRIA ÁUREA BICALHO.
[2] Professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FACED/UFJF), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras/UFJF, Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

intencionalidade de ensinar especificamente algo pontual, e sim para que eles tenham contato com leituras de diversos gêneros.

Juntos, construímos também, em sala de aula, um cantinho da leitura, carinhosamente nomeado de “Carolina Maria de Jesus”, após apresentar a eles a vida desta grande escritora brasileira. Levei alguns livros do meu acervo pessoal para compor esse espaço, possibilitando que, em algum momento do dia, os alunos pudessem escolher um livro para ler em sala de aula.

Além disso, iniciamos o Projeto Maleta Viajante, uma iniciativa que tem como objetivo incentivar o hábito da leitura. As crianças levam a maleta para casa e, individualmente ou junto com suas famílias, têm a oportunidade de explorar diferentes livros, conversar sobre as histórias, observar as ilustrações e interpretar os aprendizados. Todas essas experiências são registradas em um caderno que acompanha a maleta. A participação das famílias torna esse momento ainda mais especial, e as crianças demonstram grande entusiasmo com a atividade.

A escola também promove encontros quinzenais com todas as turmas, por meio da “Sala de Leitura”, conduzidos por uma professora responsável pela biblioteca. Nesses momentos, são realizadas contação de histórias e atividades lúdicas junto com os estudantes. Além disso, também acontece o empréstimo de livros para que eles possam ser levados e lidos em casa.

A origem deste relato está diretamente ligada à realização da 1ª Feira Literária da Escola Áurea Bicalho (FLAB), um evento planejado com o intuito de incentivar o gosto pela leitura e fortalecer a relação dos alunos com o universo literário. A proposta da Feira foi pensada de forma a ser um ambiente acolhedor, onde a literatura pudesse ser vivenciada de maneira lúdica e significativa por todos os envolvidos nesse processo.

A FLAB teve como principais objetivos estimular o hábito da leitura, desde os primeiros anos de escolarização, e fomentar o protagonismo dos estudantes, oferecendo a eles espaços e oportunidades para se expressarem por meio de diversas linguagens. Para isso, foram realizadas rodas de conversa, contação de histórias, curta-metragens, dramatizações, exposições de produções textuais e artísticas, além de encontros com autores ligados ao mundo literário, contemplando gêneros textuais diversos, que de acordo com a Base Nacional Comum Curricular

(2017), devem ser abordados e ser explorados no desenvolvimento das práticas de linguagem.

Essa iniciativa foi pensada de maneira abrangente, envolvendo todas as etapas de escolaridade contempladas pela escola, da Educação Infantil aos Anos Finais do Ensino Fundamental. Cada segmento contribuiu com propostas específicas, respeitando as singularidades de cada faixa etária, mas mantendo a literatura como eixo central das ações.

O projeto, a partir do ano de 2025, passa a integrar de forma permanente o planejamento pedagógico da instituição, contribuindo para a construção de uma cultura leitora sólida e transformadora.

Como parte das ações que integraram a FLAB, foi proposta a cada turma a realização de um trabalho a partir de um livro de literatura selecionado pela professora regente. A escolha da obra foi feita com base no perfil da turma, nos interesses dos alunos e adequada à faixa etária deles, garantindo que a leitura fosse significativa para esses estudantes.

A partir da obra literária escolhida, cada professora elaborou uma atividade que promovesse o contato dos alunos com o livro, incentivando a interpretação, a reflexão e a criatividade. As propostas variaram de acordo com cada grupo, podendo incluir produções textuais, dramatizações, releituras ilustradas, contação de histórias, entre outras formas de expressão artística e literária.

Essas atividades, além de promoverem o envolvimento dos alunos com a literatura, também despertaram o senso de responsabilidade coletiva e o trabalho em equipe, já que cada turma ficou responsável por organizar, junto com a professora, uma apresentação ou exposição que seria compartilhada com toda a escola durante a FLAB. O cronograma foi cuidadosamente elaborado, de modo a garantir que todas as turmas pudessem apresentar seus trabalhos de forma organizada e valorizada.

Os estudantes, ao vivenciarem esse processo, além de se aproximarem do universo da literatura de forma prazerosa, também puderam desenvolver habilidades importantes, como a oralidade, a escrita, a escuta ativa e o pensamento crítico. A culminância na FLAB permitiu que todos os envolvidos: alunos, professores, famílias

e demais integrantes da escola reconhecessem os aprendizados por meio das múltiplas formas de expressão que o projeto permitiu desenvolver.

O *Obax*, livro escolhido para ser trabalhado na turma do “2º ano Azul”, é escrito e ilustrado por André Neves, e conta a história de uma menina africana chamada Obax. Ela é uma personagem que encanta a todos com suas histórias fantásticas, cheias de elementos da natureza e da cultura do continente africano, como acontecimentos extraordinários, tal qual uma chuva de flores em pleno deserto ou uma conversa com um elefante falante.

Sonhadora e criativa, muitos duvidavam das narrativas de Obax e achavam que ela tinha "muita imaginação". Aos poucos as pessoas ao seu redor passaram a perceber que, na verdade, essas histórias carregavam sabedoria ancestral, convidando o leitor a acreditar no seu próprio sonho, por mais improvável que seja.

Obax é uma obra que celebra a força da imaginação, a riqueza da oralidade e o valor das tradições culturais, elementos presentes nas comunidades de origem africana. Por meio de uma narrativa sensível e poética, o livro convida o leitor a reconhecer e a valorizar essas heranças como parte importante da identidade e da construção do conhecimento.

Como professora, foi uma escolha intencional minha trabalhar com um livro que tivesse personagens negros para que as crianças negras pudessem se ver representadas de forma positiva, fortalecendo seu senso de pertencimento, e para que as crianças não negras pudessem ter a possibilidade de ampliar o seu repertório cultural, promovendo o respeito à diversidade.

De acordo com Gomes (2012), a falta de personagens negros na literatura infantil impacta, de forma significativa, na construção da identidade das crianças, pois reforça a lógica excludente que corrobora com a normatização do racismo, limitando as possibilidades de projeção das crianças negras.

A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos orienta sobre a importância de valorizar e respeitar as diferenças, ao nos apresentar as competências gerais da educação básica. Assim como as Leis nº. 639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena que contemple todas as áreas de conhecimento, apresentando as

contribuições da população negra e indígena na constituição da formação do povo brasileiro.

A partir desta perspectiva, a literatura desempenha uma função transformadora por meio de obras que celebrem a cultura negra e indígena com belas histórias cheias de riquezas de afetos e ancestralidade. Segundo Munanga (2005), “é preciso descolonizar as mentes desde cedo, oferecendo às crianças imagens positivas da população negra e indígena, historicamente marginalizadas no currículo escolar”. Nesse sentido, a infância é um momento de extrema importância para a formação de referências positivas acerca do próprio valor para as crianças.

2. METODOLOGIA

Registrar um relato de experiência vai além de descrever as ações que foram realizadas. É importante refletir sobre o significado daquela prática, os desafios ali encontrados, os resultados alcançados e também fazer diálogos com teorias e autores que ajudem a compreender melhor o fenômeno vivido. Segundo Souza (2019), o relato de experiência "permite transformar a prática em objeto de reflexão, possibilitando a construção de novos conhecimentos a partir da análise crítica do vivido".

Este relato de experiência refere-se ao trabalho desenvolvido com minha turma do 2º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Áurea Bicalho, o 2º ano azul, localizada na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, na qual sou professora regente de Língua Portuguesa e Matemática. Essa é uma instituição pública de ensino que oferece atendimento educacional nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (anos iniciais e finais).

Funcionando nos turnos matutino e vespertino, a instituição adota a modalidade de ensino presencial. A escola mantém seu compromisso com uma educação de qualidade, pautada na formação integral dos estudantes e na valorização da diversidade.

A construção do texto partiu da motivação e da explicação do objetivo da atividade. Os alunos iam construindo, oralmente, as partes do texto. Tanto os que já estavam alfabetizados quanto aqueles que ainda não se apropriaram do sistema de escrita puderam participar da dinâmica de trabalho em sala de aula. Nesse sentido,

Soares (2003) afirma que esse trabalho de escrita coletiva é uma estratégia importante, pois democratiza o acesso à linguagem escrita, valoriza o conhecimento prévio das crianças e favorece sua participação ativa no processo de aprendizagem.

Fui escriba da turma, anotando no quadro as ideias que iam surgindo e intervindo, em determinados momentos, para que elas fossem sendo concatenadas. Em certo ponto, precisávamos apagar e reelaborar a escrita para que o texto fizesse sentido. Tratava-se de um texto com características informativas, que despertasse curiosidade no leitor a respeito da obra lida em sala de aula.

Para isso, pontuei com eles que as pessoas precisavam saber quem era a personagem, onde ela vivia, quais eram suas características e o que havia de interessante na história, de forma que despertasse o interesse pela leitura do livro e permitisse associar a obra à pintura que realizamos em sala. O texto também precisava ter um caráter convidativo, de modo a atrair a atenção daqueles que passassem pelo mural, permitindo que conhecessem tanto as obras produzidas pelos alunos quanto o livro lido e o trabalho exposto na Feira Literária.

Posteriormente, o texto foi digitado por mim, para ser exposto junto às pinturas produzidas pelas crianças na FLAB. Essa etapa final consolidou o trabalho coletivo, permitindo que a produção escrita ganhasse visibilidade e dialogasse com as obras visuais, ampliando o alcance da leitura e valorizando a participação ativa dos alunos em todo o processo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A prática pedagógica atribuída ao trabalho da escrita coletiva proporciona às crianças o protagonismo da construção das suas ideias, a partir da mediação colaborativa do professor. Ela também favorece, nesses primeiros anos do Ensino Fundamental, a aquisição da habilidade da oralidade, da escuta, da leitura e da escrita compartilhada, respeitando o pensamento dos colegas.

Sendo assim, a escrita coletiva é um recurso importante no processo de alfabetização e aquisição da escrita, pois ela é uma ligação entre a oralidade e a escrita espontânea para todas as crianças em diferentes níveis de desenvolvimento. Por isso, Soares (2003) afirma que a escrita coletiva promove, de forma atuante, a

participação da criança, considerando o conhecimento que ela já adquiriu e deixando, assim, acessível para ela a construção da linguagem escrita.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a escrita coletiva também se apresenta na situação pedagógica como um elemento importante para a aprendizagem dos gêneros textuais, pois, ao participarem do processo de construção do texto, os estudantes compreendem naquele momento os aspectos estruturais que o constituem. Assim, os alunos são levados a refletir sobre a linguagem enquanto a estão produzindo coletivamente, o que contribui para o desenvolvimento da metalinguagem.

Vygotsky (1998) aponta ainda que as interações sociais e a mediação do professor e dos outros colegas auxiliam os estudantes no avanço do seu desenvolvimento cognitivo, pois segundo ele esse processo ocorre do plano social para o individual. E a mediação do professor é imprescindível para dar incentivos e propor desafios a fim de que os estudantes possam avançar para outros níveis e alcançar autonomia.

Por isso, corroborando com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), atividades como a produção coletiva de textos estimula aspectos como a escuta, a negociação de ideias, a reflexão e a análise, auxiliando o desenvolvimento linguístico das crianças.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A atividade teve início com a leitura compartilhada do livro *Obax*, que narra a história de uma menina africana sensível, sonhadora e criativa, que transforma a realidade por meio da imaginação. A leitura foi feita em roda, seguida de momentos de escuta e conversas sobre os elementos presentes na narrativa, como os animais, a paisagem da savana, as cores, os sentimentos da protagonista e os aspectos culturais abordados na obra.

Na aula seguinte, as crianças passaram para o processo de produção da pintura do cenário, feito sobre pratinhos de papelão e tinta guache. Após a secagem da pintura, as crianças fizeram um recorte de figuras e uma colagem de animais presentes na savana africana, assim como o da árvore baobá, símbolo sagrado

fortemente presente na narrativa, que foi a execução da materialização da busca do sonho da personagem.

Já em um terceiro momento, a turma foi conduzida à prática da escrita coletiva, uma metodologia que valoriza a construção conjunta do texto, com a minha mediação enquanto professora. As crianças foram convidadas a recontar, de forma oral, partes da narrativa e criar um texto escrito para apresentarem a história para as pessoas durante a FLAB, conhecerem o livro *Obax* e verem as pinturas, referentes à obra, feitas pela turma.

A escrita foi realizada no quadro, enquanto eu conduzia as crianças na retomada do texto. Procurei respeitar as falas delas, sem modificá-las, e fui sugerindo colocações e fazendo perguntas que ajudassem a acrescentar informações, garantindo que o texto fizesse sentido. Sempre que necessário, devolvia às crianças questionamentos sobre o que havíamos escrito, propondo intervenções, sugerindo expressões e retomando o texto recém-produzido para ampliar o repertório e fortalecer a conexão entre as ideias. Segundo Vygotsky (1998), este papel do professor é fundamental no processo de aprendizagem, pois ele atua como mediador entre o conhecimento e o aluno.

Esse texto, criado a partir das ideias sugeridas pelas crianças e transformado da língua oral para a língua escrita, caracteriza uma prática de letramento, que acompanharia as pinturas realizadas por eles para a FLAB.

Esse foi um processo que favoreceu a oralidade, a leitura, a produção de texto e a análise da língua. Além disso, a leitura coletiva e as intervenções durante a escrita fortalecem habilidades fundamentais para o letramento e estimulam a compreensão do uso da linguagem, como apontam os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

5. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

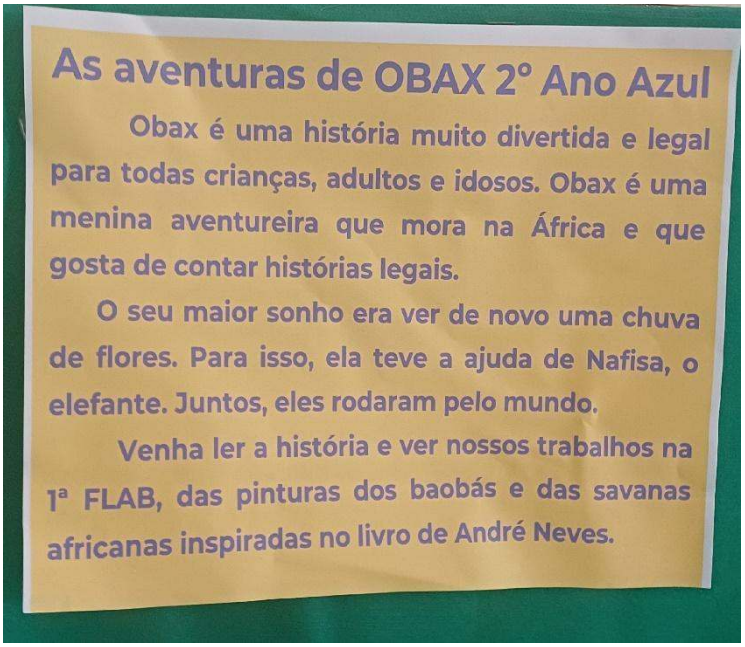
A leitura diária por fruição proporciona às crianças um encantamento pelo mundo da literatura. Nos meses que se seguem ao trabalho em sala de aula, percebo como o interesse pelos livros vem aumentando, assim como a expectativa de conhecer novas histórias, personagens e enredos. Além de desenvolverem o gosto pela leitura, elas também passaram a ter a capacidade de imaginar, perguntar,

criar e estabelecer relações entre as histórias lidas, suas vivências e outras narrativas já conhecidas.

Nesse cenário, a escrita coletiva potencializa o envolvimento das crianças, tanto na elaboração da sistematização da narrativa quanto na análise da língua, ao construírem um texto com um uso social específico (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004).

Ao propor que as crianças construam em conjunto um determinado texto, foi criado um ambiente colaborativo. Elas foram, então, convidadas a selecionar palavras, organizar ideias, refletir sobre a estrutura textual que iriam utilizar e fazer escolhas linguísticas com base em uma finalidade comunicativa real. O texto produzido ganhou sentido social: ele pode ser compartilhado com outras turmas ao ser apresentado no mural e visto pelas famílias, pelas pessoas que circulavam na escola, reforçando a função social da linguagem escrita. O texto produzido coletivamente foi fixado ao lado dos trabalhos das crianças no mural de apresentação da exposição, conforme apresentado abaixo:

Imagem 1 – Texto coletivo produzido pelos alunos do 2º ano azul.



Fonte: Fotografia da autora (2025)

Imagem 2 - Exposição no mural das pinturas da savana africana feitas pelos alunos do 2º ano azul, inspiradas no livro *Obax*, durante a 1ª FLAB.



Fonte: Fotografia da autora (2025)

A exposição foi um momento especial de valorização das produções infantis, permitindo que cada criança se reconhecesse como autora e protagonista do processo. O texto coletivo, exposto ao lado dos trabalhos, registrou com sensibilidade as descobertas e vivências da turma, sintetizando o trabalho com um olhar de afeto e pertencimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto, o trabalho com o livro *Obax* e a proposta de trabalho da escrita coletiva a partir desse livro se revelaram em um caminho pedagógico potente para o processo de desenvolvimento das competências leitora e escritora dos alunos. Além disso, os elementos pertencentes da cultura africana que o livro apresenta são ricos em uma narrativa cheia de detalhes e curiosidades, despertando a imaginação das crianças. Isso facilitou que elas se interessassem pela obra e se dispusessem a desenvolver as atividades propostas que culminaram na exposição feita para a FLAB.

A produção coletiva, além de um exercício de escrita, foi um movimento de escuta ativa, de negociação de sentidos e de valorização do pensamento do outro. Inspirados pelas contribuições de Vygotsky (1998), reconhecemos que o papel

central das interações sociais e da mediação docente têm um papel importantíssimo na construção do conhecimento. A prática colaborativa da escrita coletiva garante, assim, que todos possam participar de forma coletiva colaborando no processo de construção do texto, ampliando e superando seus processos de conhecimentos.

O trabalho feito com *Obax* exalta a potência da literatura. Por isso, a escola tem o papel de ser um espaço dinâmico, vivo e rico de experiências que exaltam a diversidade, o afeto, a escuta e as construções coletivas que sejam significativas para os seus estudantes.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Martine; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações étnico-raciais**: apostando na formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 2005.

SOUZA, Eliane Marta Teixeira Lopes de. **Relatos de Experiência: Teoria e Prática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.